

## **Num ano de incertezas, setor têxtil e de confecção luta para crescer**

**Fernando Valente Pimentel\***

O ano de 2022 terminou com desempenho negativo da indústria têxtil e de confecção, depois de 18 meses de resultados positivos, a partir do segundo semestre de 2020, ainda em meio às restrições relativas à pandemia. No período, houve crescimento importante do setor, que havia sido muito abalado pela eclosão do coronavírus. O avanço continuou relevante em 2021.

Em 2019, em termos de volume, o segmento têxtil cresceu 0,8%, ante queda de 6,9% em 2020. Em 2021, foram 13,5% positivos. Em 2022, verificou-se recuo de 9%. A expectativa para 2023 é de uma evolução de 2,3%. Quanto ao vestuário, em 2019 o aumento da produção foi de 1,5%. Em 2020, houve queda de 16%. Em 2021, o resultado positivo foi de 9,21%, com recuo de 4,8% em 2022. Há projeções de certo avanço este ano.

É preciso considerar que em 2022 o setor enfrentou desafios enormes, como taxas de juros altas, endividamento das famílias e a majoração das matérias-primas. Em junho, o algodão atingiu seu maior nível de preço nos últimos 10 anos. Ao mesmo tempo, ocorreu muita oscilação do varejo, que fechou o exercício com queda de 0,5%, ante crescimento de 11,7% em 2021. No segundo semestre, principal período da comercialização, deparamo-nos com vários obstáculos, como o clima frio para a época, Copa do Mundo extemporânea, coincidindo com as festas de final de ano, e processo eleitoral muito polarizado.

Em 2023, já temos pouco mais de dois meses do novo governo, mas restam incertezas relativas à definição de nova regra fiscal, ao modelo de reforma tributária que prevalecerá e aos marcos para o fortalecimento da indústria. Ademais, os juros seguem elevados afetando o ritmo dos negócios. Nesse quadro, o mercado ressentese e o consumidor e os fabricantes ficam preocupados. Também há o impacto dos problemas no varejo, inclusive emocional e

psicológico, sobre a cadeia de fornecedores e o nível de emprego, bem como a estimativa de crescimento do PIB, de apenas 1%.

Nesse cenário, a estimativa inicial de crescimento do nosso setor em 2023 poderá não se concretizar. À luz do que podemos inferir, o ano será difícil, principalmente no primeiro semestre. Há fatores que poderão ajudar, como a manutenção do auxílio de R\$ 600 e o adicional concedido por criança na escola e o programa *Desenrola*, que destrava um pouco as dívidas dos consumidores.

O fato é que há muita incerteza no Brasil e no mundo, com a continuidade na guerra na Ucrânia, tensões nas relações entre Estados Unidos e China e instabilidade geopolítica. Além disso, o setor têxtil e de confecção, sempre pouco regulado, terá, cada vez mais, de aderir à agenda da governança ambiental, social e corporativa (ESG), o que demanda esforços e investimentos.

Outros elementos poderão ser positivos, como a possibilidade de avanço do acordo entre União Europeia e Mercosul e as perspectivas de que o mundo não entre em recessão, o que poderá favorecer as exportações. No entanto, em meio a todas essas questões, há diferenciais da indústria têxtil e de confecção que sempre ajudam muito: a resiliência e a capacidade de superação!

**\*Fernando Valente Pimentel** é presidente emérito e diretor-superintendente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit).